

# Constituinte põe educação à prova

Fotos de José Varella

## Parlamentar ganha 'medalha' por mau humor e delicadeza

Tânia Fusco

**B**RASÍLIA — “Se essa Constituinte não sair logo, o Congresso vai pirar. Nos gabinetes já tem gente tirando cueca pela cabeça.” O exagero de um funcionário da Câmara revela o clima vigente no Congresso Nacional, onde começam a aparecer premiações como o *Troféu Limão*, conferido ao constituinte mais azedo, ou a *Medalha Ferradura*, de mérito por indelicadeza.

A deputada Raquel Cândido (PFL-RO), por sua destemperada atuação no plenário e com os funcionários de seu gabinete, levou o *Troféu Limão*. A *Medalha Ferradura*, no entanto, ainda é disputada pelos líderes do PFL na Câmara e do PMDB na Constituinte. José Lourenço é imbatível na indelicadeza em plenário, Mário Covas ainda não perdeu pontos no quesito “grossura” no trato com os funcionários.

Filha da *Medalha Ferradura*, a *Taça Destempero* deve premiar o senador Alexandre Costa, que tem invocado a mãe alheia nos debates da CPI da Corrupção, e o deputado Amaral Neto, líder do PDS, que já se referiu ao presidente da CNBB, D. Luciano Mendes de Almeida, como “canalha de batina”.

As sobras desses desacertos ficam principalmente com os funcionários de seus gabinetes, que, com a aceleração do ritmo dos trabalhos da Constituinte, têm estado à disposição de seus chefes uma média de 10 horas diárias. Nos bons e nos maus momentos.

**Dia de patada** — O troféu de Raquel Cândido foi conferido pelos seus ex-funcionários, que ano passado chegaram a 47. Cada gabinete de deputado oferece vagas para cinco auxiliares. Raquel, apesar da alta rotatividade, jamais conseguiu completar o quadro funcional de seu gabinete.

“Ela é completamente louca e, aos gritos, quer levar a gente também à loucura”, reclama um ex-funcionário.

“Eu sou exigente e eles incompetentes e preguiçosos. Não querem trabalhar, mas emprego”, defende-se Raquel, que aceita com bom humor o *Troféu Limão*. “Já fui chamada de louca, tarada e vagabunda em plenário. *Limão* é mais um título pra minha coleção”.

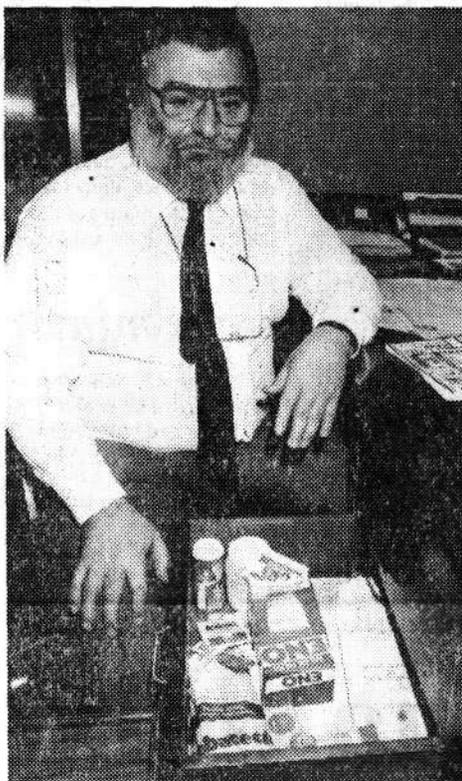
Controlado em público e no plenário, o senador Mário Covas tem pavio curto no gabinete, onde, particularmente depois das vitórias, costuma destilar o fel da tensão acumulada sobre seus subalternos. No momento seguinte, no entanto, mesmo sem desculpar-se oficialmente, pode afagar ou até fazer uma surpreendente gentileza.

“Ele é ciclotímico. Salta entre o bom e mau humor constantemente. Para acompanhar esse ritmo, só iô-iô”, reclama uma das funcionárias do senador. Ela, que já viu um colega ser chamado aos berros de “imbecil” e “incompetente” por ter errado a data de uma passagem aérea.

“Ele até tinha razão, a passagem estava vencida e ele perdeu um com-



**Passarinho (acima) proíbe decotes e jeans, mas funcionárias acham-no “bonzinho”. Righi (ao lado) toma antiácidos e Fernando Henrique come chocolate para manter a calma**



promisso importante, mas a grossura foi exagerada”, acrescenta, concluindo que o senador tem consciência de sua grossura, pois até avisa: “Hoje eu tô com as ferraduras afiadas. É dia de patada”.

**Lobisomem** — O deputado José Lourenço joga para a platéia. Faz gênero com o mau humor que exhibe em público e suaviza no gabinete, onde os gritos e destemperos são raros. “Ele só assusta um pouco as funcionárias novas com a mania de dizer palavras de baixo calão. O que faz até como interjeição”, conta um funcionário do gabinete da liderança do PFL.

Azedo e até mal encarado em público, o líder do PTB, Gastone Righi (por sua aparência, chamado no Congresso de “Lobisomem de Santos”) combate o mau humor com dezenas de doses diárias de sal de fruta Eno, suco de maracujá e aspirinas.

“Sal de fruta é para a úlcera. Mau humor, só no plenário para espantar os adversários”, receita Gastone, definido como “gracinha de pessoa” por seus funcionários.

Mas, segundo seus próprios ajudantes, delicados e sempre bem humorados

são os senadores Jarbas Passarinho, líder do PDS, e Fernando Henrique Cardoso, líder do PMDB. Ambos curtem os momentos de mau humor recolhidos em suas salas privadas. Os funcionários só registram os sintomas. Passarinho dá um bom dia coletivo e, sisudo, recolhe-se. Fernando Henrique não tira os óculos, morde a língua, fala professoralmente, como se tivesse fazendo um exercício para controlar a explosão, e devora balas e chocolates.

O bom humor é uma constante no comportamento desses líderes. Passarinho, religiosamente despede-se de seus funcionários na hora do almoço declarando: “Vou para o meu alpiste.” Chama de “meu harém” a sala que abriga sete das funcionárias da liderança, situada bem em frente à sua própria sala. E até na bronca demonstra bom humor. Não admite no ambiente de trabalho decotes, calças compridas, *jeans* e barba por fazer. Quando algum de seus funcionários descumpra a norma, costuma ser ignorado pelo líder, que, se cobrado, invariavelmente emenda: “Você trabalha aqui? Pense que fosse um funcionário da limpeza.”

# Itamar quer destituir Derzi sob argumento de que governo é minoria

**BRASÍLIA** — O senador Saldanha Derzi (PMDB-MS) poderá ser destituído esta semana do cargo de líder do governo, ao qual chegou por influência do presidente José Sarney no começo de fevereiro. Como o regimento do Senado não prevê a figura do líder do governo, ele assumiu formalmente o cargo como líder da maioria, por liberalidade dos senadores Fernando Henrique Cardoso, líder do PMDB, e Carlos Chiarelli, então líder do PFL. Mas depois de amanhã, o senador Itamar Franco (MG) apresentará à Mesa do Senado documento provando que o governo não tem mais maioria na Casa.

É mais um decisivo golpe do bloco adversário de Sarney, que a cada dia ganha mais adeptos no Senado. O próprio senador Marcondes Gadelha (PFL-PB), que assume amanhã a liderança do PFL, disse que não compreende como o governo pôde ser tão inábil no relacionamento com a Casa. “O presidente Sarney saiu do Senado, onde só tinha amigos, e hoje cresce rapidamente o número dos seus adversários. Não dá para entender como ele perdeu tantos aliados”.

**Aparte** — A estratégia que levará Derzi a perder o cargo foi deflagrada quarta-feira passada, quando ele pediu à Mesa o registro dos seus vice-líderes: Edison Lobão, João Meneses, Carlos Alberto, Leopoldo Peres e João Calmon. Acontece que os cinco foram apresentados como vice-líderes da maioria.

Imediatamente, o senador Itamar Franco pediu aparte para indagar que maioria era essa. “Pelo que eu saiba, a maioria desta Casa faz oposição ao presidente Sarney, excelência”, dirigiu-se Itamar ao senador Dirceu Carneiro (PMDB-SC), que presidia a Mesa.

Com o apoio dos senadores Fernando Henrique Cardoso e Carlos Chiarelli, Itamar Franco e Mendes Canale (PMDB-RS) já recolheram 30 assinaturas em documento que oficializa uma maioria de oposição ao governo Sarney, e pretendem elevar esse número para 39 até amanhã. Fernando Henrique está convencido de que essa maioria chegará a 42, mas, quando chegar a 37, estará alcançada a maioria absoluta (ao todo, são 72 senadores) que fará Saldanha Derzi perder a liderança do governo.

Com isso, Sarney não perderá apenas o horário para seus escassos aliados o defenderem em plenário. Perderá também a maioria para a aprovação dos empréstimos que deseja conceder a governadores que o apóiam; para a confirmação de nomes de embaixadores e ministros dos tribunais superiores; e para a obtenção da licença necessária às suas viagens ao exterior.

# CPI não dispõe de meio legal para convocar depoimento de Sarney

**BRASÍLIA** — Não houve até agora um só senador que tenha advogado na CPI da Corrupção a necessidade de se convocar o depoimento do presidente Sarney e o motivo é simples. Todos eles conhecem o artigo 83 da Constituição Federal, que dispõe sobre a competência da Câmara para declarar a procedência da acusação e a do plenário do Senado para fazer o julgamento, no caso de crime de responsabilidade do presidente da República.

Não existe norma legal capaz de levar o presidente a depor perante uma CPI, e o senador José Ignácio, presidente da comissão que investiga a corrupção, disse que desconhece as origens dessas especulações, apesar de, às vezes, os jornais atribuírem a ele mesmo. O relator, Carlos Chiarelli, também se diz espantado com essas informações argumentando que não seria leviano a ponto de anunciar os resultados de uma CPI que ainda está trabalhando.

O máximo que a comissão já deliberou envolvendo o gabinete do presidente Sarney foi sobre uma possível interpelação judicial em que ele deverá confirmar se possui dossiês contra os senadores que a integram, o jurista Raimundo Faoro deixou o Senado na semana passada com uma pasta de documentos que estudará antes de anunciar se é cabível essa interpelação, que se daria pela via do Supremo Tribunal Federal.